

## O destino da fracassada democracia burguesa: contrarrevolução, estupidez, resistência e nova sensibilidade\*

Robespierre de Oliveira\*\*

**Resumo:** O ataque à democracia coloca o problema da defesa da democracia e qual democracia defender. A democracia burguesa propicia o desenvolvimento do aspecto autoritário, possibilitando que falsos líderes acedam ao poder. Isto aumenta o controle do Estado por *rackets* que visam facilitar as condições de exploração, aumentando a desigualdade e a injustiça sociais. A legitimação de tais líderes ocorre por meio da propaganda, da manipulação de massas estúpidas, que acreditam em notícias falsas, conhecimento falso, e valores morais hipócritas. A estupidez é parte importante desse processo. Somente com o avanço de uma consciência crítica é possível resistir aos ataques da extrema direita.

**Palavras-chave:** Marcuse; Teoria Crítica; Estupidez; Democracia.

**Abstract:** The attack on democracy raises the problem of defending democracy and which democracy is to be defended. Bourgeois democracy encourages the development of the authoritarian aspect, allowing false leaders to access power. This increases state control by rackets that aim to facilitate conditions of exploitation, increasing inequality and social injustice. The legitimization of such leaders occurs through propaganda, the manipulation of stupid masses, who believe in fake news, false knowledge, and hypocritical moral values. Stupidity is an important part of this process. Only with the advancement of a critical consciousness is it possible to resist far-right attacks.

**Keywords:** Marcuse; Critical Theory; Stupidity; Democracy.

\* Artigo recebido em... Aprovado em...

\*\* Doutor em Filosofia; Professor Associado da Universidade Estadual de Maringá – UEM. E-mail:...  
Orcid:...

## INTRODUÇÃO

6 de janeiro de 2021(EUA) e 8 de janeiro de 2023 (Brasil) demonstraram como massas estúpidas podem ser manipuladas por falsos líderes estúpidos para tentar um golpe contra a democracia. A estupidez repousa nas crenças destas massas em teorias da conspiração e nos supostos líderes. A maioria do seu conhecimento provem da mídia social. Educação, especialmente a educação crítica, fracassou. Acreditando em notícias falsas, mentiras, fatos e conhecimentos alternativos sem pensar sobre isso, sem qualquer crítica, mostra o quão baixa a humanidade pode ser, caindo na estupidez. Apesar de haver muitas diferenças entre os acontecimentos de 6 de janeiro e 8 de janeiro, há muitas semelhanças como a estupidez de produzir provas contra si mesmos.

Muitos sentiram sua revolta como uma revolução. Mas, na verdade, seria o reverso da revolução, mesmo que muitas táticas da extrema direita tenham sido emprestadas ou apropriadas da esquerda, embora de forma distorcida. Suas pautas de mudança são voltadas para trás, contrarrevolução, com a valorização de supostas tradições, morais e religiosas. Não há um plano ou visão de futuro, apenas o medo da mudança real produzida pela consciência social que demanda reconhecimento e justiça social. Trata-se de um medo de perder supostos benefícios para os diferentes. Assim, apegam-se a interpretações religiosas, morais e históricas duvidosas para justificar suas posições.

O conteúdo falso, que mobiliza essas massas, faz parte da propaganda de líderes de extrema direita. Mas os valores conservadores de tais líderes também são falsos. Sua defesa da moral e da família é frequentemente contraditória e hipócrita. A agenda moral desses líderes é apenas um subterfúgio para manipular seus seguidores. Tal mobilização visa apenas poder e dinheiro. Quando falam contra a corrupção, contra as elites, contra o Estado de bem-estar, ao mesmo tempo praticam corrupção, reforçam as elites, defendem o Estado mínimo, querendo poder para ficar acima da lei e conseguir mais lucros.

A democracia burguesa constitui-se inicialmente pelos ideais de igualdade e liberdade contra o absolutismo monárquico. O Estado de direito visa regular universalmente os direitos e deveres sociais e, por um processo gradativo no embate de lutas sociais, a democracia burguesa foi-se tornando cada vez mais inclusiva. Por exemplo, o direito de voto e participação política das mulheres demorou a ser concretizado e ainda hoje muitos países “democráticos” dificultam o espaço político para

as mulheres e mesmo a igualdade salarial. O mesmo pode se dizer sobre negros (ex-escravizados), comunidade LGBTQIAP+, imigrantes e refugiados e outros. Embora não tenha realizado plenamente seu ideário, a democracia burguesa ainda oferece um espaço plural e a possibilidade de reconhecimento de direitos a longo prazo. Mesmo assim, a democracia liberal desde o século XIX sofreu ataques, principalmente daqueles contrários à cessão de direitos e de espaço político<sup>1</sup>. Isso pode ser observado desde o golpe de Luís Bonaparte em 1848, analisado por Marx em *O 18 de brumário*. Muitas características desse golpe seriam semelhantes com golpes que lhe seguiram. Segundo Marcuse, em seu Prólogo a *O 18 de brumário*:

A análise que Marx faz do processo de evolução da Revolução de 1848 para o domínio autoritário de Luís Bonaparte antecipa a dinâmica da sociedade burguesa tardia: a liquidação do seu período liberal que se consuma em razão da sua própria estrutura. A república parlamentarista se transforma num aparato político-militar encabeçado por um líder “carismático” que tira das mãos da burguesia as decisões que essa classe não consegue mais tomar e executar por suas próprias forças. Simultaneamente sucumbe, nessa fase, o movimento socialista: o proletariado sai de cena (por quanto tempo?) - mas é no século XX na perspectiva do século XIX, que ainda não conhece o horror do período fascista e pós-fascista<sup>2</sup>.

O golpe de Luís Bonaparte inicialmente buscou manter a aparência democrática, com as contradições acirradas da democracia burguesa. Mesmo o recrudescimento do Estado, que se torna cada vez mais autoritário, também necessita de uma legitimação aparente. Segundo Marcuse,

O Estado autoritário necessita de uma base democrática de massas; o líder deve ser *eleito* pelo povo, e ele o é. O direito ao sufrágio universal, que a burguesia nega *de facto* e depois também *de iure*, torna-se a arma do Poder Executivo autoritário contra os grupos renitentes da burguesia. Em *O 18 de brumário*, Marx oferece uma análise exemplar da ditadura plebiscitária. Naquela época,

---

<sup>1</sup> Segundo Hemult Dubiel, Marcuse vê um valor instrumental das instituições liberal-democráticas para a esquerda, aproveitando o espaço político e social para reivindicações, denúncias e educação crítica. Assim, as instituições da democracia burguesa poderiam garantir que o fascismo latente não se manifeste. Por isso, para Marcuse, se o princípio da democracia é o da maioria e na democracia burguesa essa maioria é conservadora, só se pode esperar o aceite de um governo conservador legitimamente eleito se for em face a uma ameaça iminente de ditadura fascista. DUBIEL, H. *Demokratie und Kapitalismus bei Herbert Marcuse*. In: **Institut für Sozialforschung (ed.) Kritik und Utopie im Werke von Herbert Marcuse**, Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1992, p. 67.

<sup>2</sup> MARCUSE, Herbert. *Prólogo a Marx, K.* In: **O 18 de brumário**. Trad. Nélcio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011, p. 9.

quem alçou Luís Bonaparte ao poder foram as massas dos pequenos camponeses<sup>3</sup>.

Segundo Marcuse, Max Weber preocupou-se com a reversão da democracia em “ditadura plebiscitária”<sup>4</sup>. O Estado mantém um aspecto democrático, mas o povo só é consultado a decidir em plebiscito sobre alternativas pré-determinadas. Assim, pode-se dizer que o golpe de Luís Bonaparte estabeleceu o padrão dos Estados totalitários de verniz democrático. Tanto Hitler quanto Mussolini ascenderam ao poder com apoio das massas populares e mesmo eleição. Outros Estados, como no Brasil e na Argentina, apesar de um golpe militar, houve um grande apoio popular a Getúlio Vargas e a Juan Péron, líderes populistas. Mais recentemente, a eleição e mandato de D. Trump nos Estados Unidos em 2016 expôs claramente a ameaça totalitária a um país considerado democrático por excelência. O mesmo seguiu-se no Brasil com a eleição e mandato de J. Bolsonaro, e agora com J. Milei na Argentina entre outros. Muitos dos supostos líderes aparecem à população como “salvadores da pátria”, resgatando valores morais “tradicionais” e religiosos, atacando as mudanças sociais, com as quais culpa um “inimigo”. Não só há o reforço policial e militar no Estado, como também há o estímulo e reforço de grupos paramilitares, como foi o caso da SA (*Sturmabteilung*) na Alemanha nazista. O risco de anomia e caos favorecem o discurso do “salvador da pátria” exigindo maiores poderes para impor a ordem. O poder executivo adquire uma autonomia que avança sobre a competência dos demais poderes, determinando leis e estruturando o judiciário a seu bel prazer. Mesmo assim, há um verniz democrático, dizem que o que é feito é em nome do povo, que se cumpre os interesses do povo (mesmo quando se trata da guerra), e aqueles que são contrários às decisões do Estado são traidores da pátria.

---

<sup>3</sup> *Idem.*, p. 12.

<sup>4</sup> Cf. Marcuse, “a imaturidade política da burguesia alemã não consegue nem efetivar nem evitar essa democratização e apela para o cesarismo – a democracia correspondente à industrialização capitalista ameaça reverter em ditadura plebiscitária; a *ratio* burguesa conjura o carisma irracional” (MARCUSE, Herbert. *Industrialização e capitalismo na obra de Max Weber*. In: MARCUSE, Herbert. **Cultura e sociedade**. Trad. Wolfgang Leo Maar, Isabel Loureiro, Robespierre de Oliveira, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998, vol. II. p. 120). E mais adiante: “Assim, à democratização exigida pela administração racional corresponde uma paralela limitação e manipulação da democratização. A dominação como privilégio de interesses particulares, por um lado, e autodeterminação como expressão de interesses gerais, por outro, precisam assim ser forçados à reunião. Essa solução forçada e simultaneamente formal-racional, isto é, tecnicamente eficiente, da contradição tem sua manifestação clássica na democracia plebiscitária, em que as massas periodicamente depõem seus líderes e lhes determinam a política – em condições preestabelecidas e bem controladas pelos líderes. (...) A democracia plebiscitária é a expressão política da irracionalidade convertida em razão” (p. 127-128).

## A QUESTÃO DA DEMOCRACIA

Após o 6 de janeiro e o 8 de janeiro a mídia começou a chamar uma defesa da democracia, mas ninguém pergunta que democracia? A defesa do republicanismo, em que os agentes do Estado precisam agir de acordo com a instituição e não com alguma preferência individual, não garantiria uma sociedade justa e democrática. Para defender a democracia tal como é, significa manter a injustiça e desigualdade social existente. É importante resistir contra o retrocesso legislativo, que desfaz direitos das mulheres, da comunidade LGBTQIAP+, de negros e indígenas, de imigrantes, refugiados e outros, mas é mais importante ir além, exigindo mais direitos e reconhecimento. Trata-se de lutar por uma democracia efetivamente inclusiva, participativa, com justiça social. Se a democracia significa governo do povo, o que é o povo? Não é uma parte da sociedade, mas a sociedade inteira, uma sociedade dividida em classes, e classes divididas e manipuladas ideologicamente. O problema hoje, já apontado por Rousseau, é uma parte da sociedade se considerar o povo (como se fosse o todo) e querer decidir a partir de seus interesses para todos os outros. A representação no governo deveria garantir a diversidade da sociedade para que houvesse uma discussão sobre o Estado que representasse verdadeiramente a sociedade. Mas isso é falso. Muitos dos eleitos acabam mais por representar interesses de grupos econômicos do que interesses sociais. Marx já havia entendido o Estado burguês como um balcão de negócios da classe dominante. Assim, a questão que permanece é que tipo de democracia queremos.

Marcuse utiliza o termo “democracia autoritária ou totalitária” para caracterizar a democracia burguesa atual. Para ele, não é possível pensar os EUA como uma democracia livre quando apenas dois partidos têm condições financeiras para competir para cargos executivos na administração. Para ele, “A livre eleição de senhores não abole os senhores e os escravos...”<sup>5</sup>. A liberdade torna-se uma ilusão numa sociedade desigual, em que se poderia dizer que a liberdade virou uma mercadoria. Hoje, as pessoas de extrema direita pedem liberdade, mas somente para si mesmos, excluindo os outros. Eles querem liberdade de expressão para xingar os outros, incluindo agentes dos poderes do Estado, para ameaçar com violência, ser racista, sexista, LGBTQIAP+-fóbicos. Não há mais um

---

<sup>5</sup> MARCUSE, Herbert. *The Problem of Social Change in the Technological Society*. In: MARCUSE, Herbert. **Towards a Critical Theory of Society. Collected Papers of Herbert Marcuse, vol. 2.** Douglas Kellner (ed.). Londres, Nova York: Routledge, 2001, p. 52 (trad. minha).

conceito racional e universal de liberdade e de ética. Marcuse, em *O destino histórico da democracia burguesa*, diz que a eleição de Nixon revela o quanto a sociedade está doente. As pessoas apoiam de boa vontade regimes totalitários, mesmo que seja contra seus próprios interesses, uma espécie de masoquismo social. A democracia totalitária manipula corações e mentes das pessoas usando a mídia, tecnologia, mercadorias, com discursos falsos sobre moral, religião e patriotismo. Citando Marcuse:

Em eleições livres com sufrágio universal, o povo elegeu (não pela primeira vez!) um governo de guerra, comprometido por muitos anos numa guerra que nada mais é do que uma série de crimes sem precedentes contra a humanidade – um governo dos representantes das grandes corporações (e grande trabalho!), um governo cortando despesas de bem-estar social e educação, um governo permeado de corrupção, apoiado por um congresso que se reduziu a uma máquina de dizer sim (após alguma crítica não séria)<sup>6</sup>.

Marcuse mostra, a partir de Marx<sup>7</sup>, como a democracia liberal faliu logo no início, propiciando o avanço do caráter autoritário. O suposto debate livre entre as diferentes posições políticas no máximo seria mera aparência, devido à sobreposição das forças econômicas. A passagem do liberalismo para o totalitarismo aparece como um processo plausível. Segundo Marcuse,

Existe uma comprovação clássica para o parentesco interno entre a teoria social liberal e a teoria totalitária do Estado aparentemente tão antiliberal: um escrito dirigido por Gentile a Mussolini por ocasião de seu ingresso no partido fascista. Nele se afirma: “Sendo um liberal em minhas mais profundas convicções, durante os meses em que tive a honra de colaborar com sua obra de governo e de ver de perto o desenvolvimento dos princípios que norteiam sua política, me convenci necessariamente de que o liberalismo tal como o entendo, o liberalismo da liberdade na conformidade à lei e portanto num Estado forte, no Estado como realidade ética, na Itália de hoje em dia não é defendido pelos liberais, que mais ou menos explicitamente constituem seus adversários, mas ao contrário, pelo senhor mesmo. Por isto me convenci de que, frente a opção entre o liberalismo da atualidade e os fascistas que compreendem a fé do seu fascismo, um liberal autêntico que despreza a ambiguidade e pretende permanecer a postos precisa se alinhar entre as suas (de Mussolini) fileiras”<sup>8</sup>.

Gentile e Carl Schmidt estão entre os teóricos que defenderam o estado de exceção para o estabelecimento da ordem. Mas, na democracia burguesa, o estado de exceção foi

---

<sup>6</sup> MARCUSE, Herbert. *The Historical Fate of Bourgeois Democracy*. In: MARCUSE, *op. cit.*, p. 168 (trad. minha).

<sup>7</sup> Conforme sua leitura de **O 18 de brumário** de Marx.

<sup>8</sup> MARCUSE, Herbert. *Combate ao liberalismo na visão totalitária do Estado*. In: MARCUSE, Herbert. **Cultura e Sociedade**, vol. 1, p. 54.

normalizado<sup>9</sup>. A privatização do Estado por parte de elites políticas, famílias que produzem gerações de deputados, senadores, governadores e até presidentes, sendo agentes profissionais que dificultam o acesso de camadas populares ao poder, como os trabalhadores. Segundo Moses Finley, em seu livro *Democracia antiga e moderna* (1973), na democracia moderna formou-se cada vez mais uma elite política que substituiu o povo. Ele afirma: “Não há como contestar que a apatia pública e a ignorância política são hoje fatos fundamentais. As decisões são tomadas pelos líderes políticos e não pelo voto popular, o qual, no máximo, tem um eventual poder de veto depois da concretização do fato”<sup>10</sup>. Para ele, a apatia política tornou-se um elemento fundamental para a alteração do caráter democrático. A ponto de haver políticos que acreditam que a democracia seria tanto melhor quanto menos o povo participar dela. A apatia afasta mais os indivíduos da política permitindo a dominação da elite, segundo Finley, das corporações. O novo extremismo de direita, nas figuras de Trump e Bolsonaro, atacam a elite política para atrair apoio popular, mesmo sendo eles da elite (Trump) e da política (Bolsonaro). Em seu discurso, há a crítica da estrutura democrática do Estado de direito ao querer impor sua própria visão sobre a sociedade. Defendem apenas a sua própria liberdade ao mesmo tempo em que criticam a liberdade dos outros. Criticam decisões da lei, quando estas não são favoráveis.

Para Sheldon Wolin, a democracia ao concentrar poderes e criar um superpoder (*Superpower*) produz um “totalitarismo invertido”. Para ele, “O superpoder representa uma direção à totalidade que retira do cenário onde liberalismo e democracia foram estabelecidos por mais de dois séculos. É o nazismo virado de cima para baixo, ‘totalitarismo invertido’”<sup>11</sup>. Wolin critica a privatização não só do Estado, mas também da vida social. Cada vez mais corporações ocupam espaços públicos, como educação, transportes, rodovias, praias, saúde, parques, museus, estádios, segurança, entre outros. Assim, os cidadãos ficam cada vez mais afastados dos serviços públicos privatizados, muitos dos quais devem ser pagos para serem utilizados, e muitos cidadãos não têm

---

<sup>9</sup> Por exemplo, o aumento da vigilância do Estado sobre os indivíduos sob pretexto de combater o terrorismo nos EUA a partir de 2001.

<sup>10</sup> FINLEY, Moses. **A democracia antiga e moderna**. Trad. Waldéa Barcellos e Sandra Bedran. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998, p. 47.

<sup>11</sup> WOLIN, Sheldon. **Politics and Vision. Continuity and Innovation in Western Political Thought**. Expanded edition. Princeton e Oxford: Princeton University Press, 1960, 2004, p. 591 (trad. minha). Mesmo Wolin sendo um liberal, Terry Maley identifica uma proximidade entre sua teoria e a de Marcuse em *Human Emancipation and the “Historical Fate of Bourgeois Democracy”*. In MALEY, T. (ed.) **One-dimensional Man 50 Years on: The Struggle continues**. Winnipeg: Fernwood Publishing, 2017, p. 209-231.

condições para isso. A ideia do Estado de bem-estar social foi duramente combatida pelo chamado neoliberalismo, que defende o Estado mínimo e que cada um deve arcar com suas necessidades. Desse modo, o Estado não deve cuidar dos vulneráveis, que ficam desassistidos. Para Wolin, as corporações estruturam-se cada vez mais no interior institucional do Estado. Inicialmente, as corporações negociavam com representantes políticos para defenderem seus interesses, fazer leis favoráveis, o que se convencionou chamar de lobismo. Mas pode-se notar que membros das corporações visam se tornar representantes políticos sem a intermediação da elite política. E mais do que isso: hoje há a intervenção da elite econômica, das corporações, sobre a política, mesmo fora da instituição estatal, via mídia e redes sociais. A conclusão de Wolin é que a democracia virou apenas fachada.

## RACKETS

Mais do que elite e corporações, Marcuse, baseando-se em Horkheimer, afirma que o Estado foi tomado por “*rackets*” (bandidos, escroques), uma verdadeira máfia que controla seus próprios interesses por meio do governo estatal. Segundo Marcuse,

O governo é mais e diferente do agente do capital, a responsabilidade política é delegada a *rackets* profissionais que atuam cada vez mais independentes de seus eleitorados, e os militares exercem poder crescente sobre a economia. *Rackets* estão também operando através da economia. Esta é ainda a classe dominante, e seu domínio ainda depende, em sua totalidade, sobre a defesa, acumulação ampliada e a valorização do capital. Mas esta função cessou de ser produtiva em qualquer outro sentido que não aquele da cada vez mais brutal e custosa perpetuação do sistema estabelecido. Seu papel não é mais o desenvolvimento das forças produtivas, senão o impedimento de seu desenvolvimento racional e do progresso humano<sup>12</sup>.

Em suas *Palestras em Paris na Universidade Vincennes* (1974), Marcuse é mais enfático: “A diferença entre negócios legítimos e ilegítimos é constantemente ofuscada, e o poder econômico e político da assim chamada Máfia se estende a todos os ramos da vida política”<sup>13</sup>. Mais do que caracterizar as elites e as corporações no poder como máfia,

---

<sup>12</sup> MARCUSE, Herbert. *Cultural Revolution*. In: MARCUSE, Herbert. **Towards a Critical Theory of Society**. *op. cit.*, p. 141-142 (trad. minha).

<sup>13</sup> JANSEN, Peter-Erwin; REITZ, Charles. **Herbert Marcuse’s 1974 Paris Lectures at Vincennes University. Global Capitalism and Radical Opposition**. Introduction by Sarah Surak and afterwords by Douglas Kellner. Maryland: Salisbury University, 2015, p. 2 (trad. minha).

Marcuse chama atenção ao caráter eminentemente contrarrevolucionário dessas. Para ele, a contrarrevolução não é necessariamente oposta a uma revolução existente, mas também a qualquer possibilidade de revolução, mesmo que sejam revoltas ou lutas por direitos essenciais. Trata-se de uma contrarrevolução preventiva. Assim, a aparência de normalidade bem como a ameaça colocada por fantasmas de inimigos externos e internos é importante para a manutenção do sistema estabelecido.

Horkheimer, Marcuse e Adorno desenvolveram de modos diferentes a teoria pela qual um grupo de *rackets* poderia assumir o poder, direta ou indiretamente. Em certo sentido, os nazistas representariam isso, mas tal possibilidade poderia ocorrer também num Estado democrático como os EUA. Trata-se da máfia no poder. Horkheimer, em *On the Sociology of Class Relations*, analisa as relações de classe desde o século XIX para compreender a questão dos *rackets*. A bandidagem moderna surgiu das relações de trabalho da sociedade capitalista. Segundo Horkheimer,

Os líderes trabalhistas tornaram-se um grupo aquisitivo entre outros. As condições sob as quais eles trabalham são mais difíceis, não é tão fácil para eles quanto para a liderança dos grandes trustes capitalistas para manter suas ações fora da discussão pública por uma opinião pública que é controlada pela sua competição. Cada capitalista profissional e grupos de trabalho exercitam uma função específica no processo social por um lado, e por outro usa aquela função para conseguir uma grande parte de poder sobre os homens, bens e serviços quanto possível. Os métodos desta luta na história variou. Eles foram parcialmente competição, mas parcialmente trapaça, roubo e guerra<sup>14</sup>.

É de se observar que Marx, em *O capital*, discute a exploração dos trabalhadores a partir de uma sociedade capitalista “ideal”, na qual tanto o trabalhador quanto o capitalista burguês são “honestos”. A desonestidade apontada por Horkheimer, apesar de ser verificada em diversos períodos na história, tomou uma forma clara no século XIX, em que grupos se organizavam para um meio mais eficaz de exploração, por meio de ilicitudes. Para Horkheimer,

O conceito de *racket* serve apenas para diferenciar e concretizar a ideia da classe dominante, não significa em absoluto substituí-la. Entretanto, pode ajudar para superar a noção abstrata de classe como a que representa um papel na teoria mais antiga. Pode também levar a reconhecer que o padrão da relação de classe é típico não apenas para as relações dos grandes grupos da sociedade, mas daí penetra todas as relações humanas mesmo aquelas dentro do proletariado. Na presente fase do capitalismo, muitas estruturas primeiras da

---

<sup>14</sup> HORKHEIMER, Max. *The Sociology of Class Relations*. In: **Max Horkheimer and the Sociology of Class Relations**. Disponível em: <http://nonsite.org/the-tank/max-horkheimer-and-the-sociology-of-class-relations>; acessado em 15/02/2017 (trad. minha).

sociedade de classes que até agora foram descritas e explicadas incompletamente, tornaram-se transparentes. A semelhança das entidades históricas mais respeitáveis, como por exemplo as hierarquias ou a Idade Média com *rackets* modernos, é somente uma delas. O conceito de *racket* refere-se tanto às grandes quanto a pequenas unidades, todos lutam por uma grande parte quanto possível do mais-valor<sup>15</sup>.

O desenvolvimento econômico, com seu processo de competição, não é linear, possui altos e baixos, em ambos os momentos há aqueles que querem continuar com a obtenção de lucro. Tentam o monopólio da função econômica, mas não por causa da produção ou satisfação de necessidades.

O slogan usado contra todos os tipos de atividades e até mesmo contra grupos inteiros de que elas são improdutivas, ademais o medo constante de que qualquer coisa que alguém faça possa ser improdutiva ou inútil, parece originar-se do fato de que alguém percebe em seu pensamento interior que, apesar de todas as tremendas conquistas da sociedade, o seu padrão material e mental não é o da solidariedade como, por exemplo, o grupo de mãe e filho na natureza, mas o *racket* e o abismo entre a realidade e todas as ideologias, que a civilização finge ser seus fundamentos, tornam-se cada dia mais amplos<sup>16</sup>.

Horkheimer reconhece que a indústria superou a sociedade e o processo de produção tornou-se um tipo de crença religiosa, que promove a tecnocracia, qualificando os diversos grupos sociais de acordo com sua capacidade produtiva.

Os *rackets*, na Europa dos séculos XVI e XVII, que torturaram, assassinaram, roubaram centenas de milhares de desafortunados, e aniquilaram a população feminina de províncias inteiras por seu suposto intercurso com Satã, proclamaram seu amor cristão tão alto (...) <sup>17</sup>.

Mais adiante:

(...) o significado da democracia profundamente conectada com a verdade não está esquecido e necessita ser expresso contra uma palavra que é mais repressivo e diabólico do que nunca e contra os canais [?] {mais endurecido} de táticas de estupidez. (...) O “*racket*” foi também um padrão da organização dos homens com relação às mulheres. O conceito moderno serve para descrever as relações patriarcais<sup>18</sup>.

---

<sup>15</sup> *Idem.*

<sup>16</sup> *Idem.*

<sup>17</sup> *Idem.*

<sup>18</sup> *Idem.*

Os *rackets*, inicialmente, eram grupos que seguiam padrões patriarcais e misóginos, com uma visão moral limitada e retrógrada, cujo único propósito é ganhar dinheiro fácil. As gangues de rua, em seus fundamentos, não se diferenciam das gangues burguesas que atuam no mercado e na estrutura oficial de Estado. O exemplo da máfia, que se desenvolveu nos Estados Unidos no século XX, clarifica o significado dos *rackets*<sup>19</sup>. Os imigrantes italianos, que praticavam pequenos crimes, foram organizados por uma estrutura familiar, com Lucky Luciano à frente. Para melhorar as atividades criminosas, cooptaram policiais, juízes e políticos com subornos e propinas. Tanto Lucky Luciano quanto Al Capone participavam ativamente da vida social e da alta sociedade, aparecendo como bem feitos, ao mesmo tempo em que praticavam extorsões, roubos, assassinatos, entre outros crimes. Assim, atividades ilegais, como venda de álcool, drogas, prostituição, eram encobertas por atividades legais de caridade, doações, etc. Tal estrutura mafiosa aparece de modo distinto na suposta esfera legal e moral do Estado democrático. Muitos executivos de pequenas e grandes empresas foram acusados e denunciados de corrupção, escândalos com drogas ilegais, assassinatos, roubos, entre outros crimes. O mesmo se aplica a membros do Estado, do legislativo, executivo e judiciário. O intuito é o mesmo, a riqueza. Os governos dificultam ou facilitam tais atividades de espoliação. A relação entre os grupos diretamente ligados ao crime e aqueles indiretamente é complexa. Políticos autoritários, que articulam um discurso duro contra o crime, que visam uma moral conservadora, atacando conquistas de grupos marginalizados, não visam um projeto social contra o crime, pela moral conservadora, mas unicamente obter o poder pelo poder. Desse modo, podem beneficiar aqueles que os ajudaram a chegar ao poder, modificando leis para facilitar a ação desses grupos, como flexibilização de leis trabalhistas, facilitação de acesso a recursos naturais, desregulação de regras ambientais e de produção, entre outras medidas<sup>20</sup>. A democracia burguesa, que

---

<sup>19</sup> SCHMIDT, James. *'Rackets,' 'Monopoly,' and the Dialectic of Enlightenment'*. In: **Max Horkheimer and the Sociology of Class Relations**, *op. cit.*, diz que o termo teria aparecido no livro de Gordon Hostetter, *It's a Racket* de 1929. Hostetter era o chefe da *Chicago Employers' Association*. Segundo Schmidt, "Como resultado de seus esforços, 'racket,' 'racketeer', e 'racketeering' – termos que foram anteriormente associados com as atividades das gangues criminosas de Chicago – veio a ser associado às atividades dos sindicatos oficiais. O uso destes termos teve seu pico por volta de 1940, quando apoiadores da legislação do *New Deal* visou a procurada barganha coletiva institucionalizante para limitar o alcance do conceito para atividade criminosa manifesta" (*idem*). É a partir daí que Horkheimer desenvolve sua teoria mais claramente (trad. minha).

<sup>20</sup> Observe-se que mesmo pequeno-burgueses, pequenos empresários e micro-empresários, visam facilidades para melhorar seus negócios, como pagar menores salários, aumentar a jornada de trabalho sem

nunca foi efetivamente democrática, torna-se cada vez mais aparência, uma fachada para o autoritarismo, principalmente quando o Estado paralelo compete ou participa do Estado oficial.

## PROPAGANDA

Para ascender ao poder e manter uma fachada democrática, líderes autoritários, fascistas, cooptaram as massas por meio de propaganda. Isso não é novidade, tanto Napoleão Bonaparte quanto seu sobrinho fizeram isso, conseguindo o apoio dos camponeses. O modelo totalitário fascista facilitou os negócios capitalistas e por isso teve grande apoio dessa classe. Sem apoio o governo de ocasião não se mantém, não só apoio da classe capitalista, mas também das demais classes, incluindo os trabalhadores. Desde Edward Bernays, sobrinho de Freud, que publicou em 1928 seu livro *Propaganda*, estabelecendo uma metodologia inspirada na psicanálise, houve a percepção do poder de manipulação<sup>21</sup>, para que o público comprasse uma mercadoria ou ideais políticos. Segundo ele, para convencer o consumidor não se vende diretamente o produto ou a mercadoria ou suas qualidades, mas a ideia que se deseja agregar ao produto, seja a ideia de liberdade para influenciar as mulheres a fumarem cigarro, seja utilizar o medo para defender e atacar regimes políticos.

O medo e o ódio foram largamente utilizados pela propaganda simples de Goebbels que repetia sempre a bipolaridade dicotômica entre o bem e o mal. Em *Minha luta*, Hitler critica a propaganda alemã da época e formula sua própria perspectiva. Para ele, a propaganda não deve visar intelectuais, nem ser científica, e sim atingir as massas,

---

pagar horas extras, enfim aumentar a exploração e oferecer produtos sem fiscalização de qualidade. Grandes empresários fazem o mesmo, incluindo a redução (redução do tamanho dos produtos, sem redução de preço). Ambos apoiam políticos que facilitem tais interesses.

<sup>21</sup> Segundo Bernays, “a manipulação consciente e inteligente dos hábitos e opiniões organizadas das massas é um elemento importante na sociedade democrática. Aqueles que manipulam este mecanismo não visto da sociedade constitui um governo invisível que é o verdadeiro poder governante de nosso país. (§) Somos governados, nossas mentes moldadas, nossos gostos formados, nossas ideias sugeridas, largamente por homens que nunca ouvimos falar. Vastos números de seres humanos devem cooperar deste modo se devem viver junto como uma sociedade funcionando suavemente” (BERNAYS, E. **Propaganda**. Nova York: Liveright, 1928, p. 9).

não em seu intelecto, mas em seus sentimentos<sup>22</sup>. Deve-se basear na repetição exaustiva<sup>23</sup>, a qual teria um efeito subliminar sobre as massas<sup>24</sup>. Com a crise econômica e sua percepção psicológica das massas, os regimes autoritários buscam promover a mobilização total da sociedade, necessária para criar a identidade única do povo, da nação. Tal identidade deveria ser refletida no “salvador da pátria”, o líder, o qual deveria ser um exemplo, um modelo a ser seguido, inclusive do ponto de vista moral. Isso se baseia nos anseios das massas, que temem as mudanças sociais e aderem ao ideário preconceituoso, o qual já fazia parte delas, supostamente para defenderem-se, expondo seu ressentimento<sup>25</sup>.

A democracia liberal burguesa abre espaço ao autoritarismo com seu discurso sobre a tolerância e a liberdade de expressão. Mas até que ponto é possível ser tolerante com os intolerantes. Em seu texto sobre a *Tolerância repressiva* (1965), Marcuse critica a tolerância de liberdade de expressão que possibilitaria o direito de preconceituosos, antidemocráticos, conservadores radicais, manifestarem-se publicamente mesmo com palavras de ódio. Para Marcuse, a fala de aparente neutralidade que afirma ter de ouvir os “dois lados” seria falaciosa na medida em que há uma desigualdade entre os lados. Como seria possível tolerar os intolerantes. Segundo Marcuse, a tolerância pura

não pode ser indiscriminada e igual com respeito aos conteúdos da expressão, nem em palavra ou ação; não pode proteger palavras falsas e atos errados que demonstram que contradizem e contrariam as possibilidades de libertação. Tal tolerância indiscriminada é justificada em debates inofensivos, em conversa, em discussão acadêmica; é indispensável na empresa científica, na religião privada. Mas a sociedade não pode se indiscriminar onde a pacificação da existência, onde a liberdade e a felicidade mesmas estão em jogo: aqui, certas coisas não podem ser ditas, certas ideias não podem ser expressas, certas políticas não podem ser propostas, certos comportamentos não podem ser

---

<sup>22</sup> Segundo Hitler, “esta é apenas a arte da propaganda que, compreendendo o mundo de ideias e sentimentos das grandes massas, encontra, através de uma forma psicológica correta, o caminho para a atenção, e ainda mais para o coração, das grandes massas” (HITLER, A. **Mein Kampf**. Reynal and Hitchcock: Nova York, 1941, p. 233).

<sup>23</sup> “As massas, porém, com a sua inércia, sempre precisam de um certo tempo antes de estarem prontas até para perceber alguma coisa, e emprestarão suas memórias apenas à repetição mil vezes das ideias mais simples” (*idem.*, p. 239).

<sup>24</sup> Theodor Adorno (*A teoria freudiana e padrão de propaganda fascista*), Erich Fromm (*The Fear of Freedom*) e Wilhelm Reich (*Psicologia de massas do fascismo*) buscaram compreender a questão da manipulação de massas pela propaganda e psicologia de massas.

<sup>25</sup> Horkheimer, em *Egoísmo y movimiento liberador (Egoismus und Freiheitsbewegung)*, discute o ressentimento das massas como uma guilhotina de igualdade negativa no qual a democracia é degradada: “o total desprezo pela pessoa humana”. In: HORKHEIMER, Max. **Teoría Crítica**. Trad. Edgardo Albizu e Carlos Luiz. Madri. Buenos Aires: Amorrortu, 2003, p. 212.

permitidos sem tornar a tolerância um instrumento para a continuação da servidão<sup>26</sup>.

E mais adiante:

Dentro da democracia afluyente, a discussão afluyente predomina, e dentro do quadro estabelecido, é tolerante em larga medida. Todos os pontos de vista podem ser ouvidos: o comunista e o fascista, a esquerda e a direita, o branco e o negro, os cruzados pelo armamento e pelo desarmamento. Mais ainda, em debates interminavelmente arrastados sobre a mídia, a opinião estúpida é tratada com o mesmo respeito que uma inteligente, o desinformado pode falar tanto quanto o informado, e a propaganda anda junto com a educação, a verdade com a falsidade. Esta tolerância pura do sentido e do absurdo (*sense and nonsense*) é justificada pelo argumento democrático que ninguém, nenhum grupo nem indivíduo, está em posse da verdade e capaz de definir o que é certo e errado, bom e mau. Portanto, todas as opiniões contestadoras devem ser submetidas para 'o povo' para sua deliberação e escolha. Mas já sugeria que o argumento democrático implica uma condição necessária, nomeadamente, que o povo deva ser capaz de deliberar e escolher sobre a base do conhecimento, que eles devem ter acesso à autêntica informação, e que sobre essa base sua evolução deve ser o resultado do pensamento autônomo<sup>27</sup>.

A crítica de Marcuse a como a liberdade de expressão é utilizada pela mídia de massas parece antecipar a discussão de Chomsky e Herman sobre a manipulação do consenso<sup>28</sup>. Marcuse, porém, sabe que não há igualdade entre pontos de vista opostos, como esquerda e direita ou verdade e falsidade. Na medida em que a mídia de massas, jornais, revistas, televisão, cinema, rádio, é composta de empresas privadas, cujo lucro advém de publicidades, ela busca divulgar conteúdos que garantam uma maior audiência, isso desde suas origens. A ideia da neutralidade e isenção dos meios de comunicação na prática não existe. Apesar de alguns desses meios de comunicação buscarem apresentar uma visão (mesmo que limitada) mais objetiva e isenta dos fatos, há outros que nem disfarçam suas preferências distorcendo os fatos. Hoje, o crescente uso de redes sociais favoreceu a difusão de notícias e comentários nem sempre verdadeiros, não

---

<sup>26</sup> MARCUSE, Herbert. *Repressive tolerance*. In: WOLFF, MOORE, Jr. & MARCUSE, Herbert. **A Critique of Pure Tolerance**. Boston: Beacon Press, 1965, p. 88 (trad. minha).

<sup>27</sup> *Idem.*, p. 94-95.

<sup>28</sup> Em *Manipulating Consent: The Political Economy of Mass Media*, Chomsky e Herman discutem e mostram como a mídia de massas, principalmente as redes de notícias, manipulam a chamada opinião pública acerca de questões políticas internas e externas, como guerras e geopolítica. A mídia de massas pode ser direta ou indiretamente influenciada pelo governo, mas possui suas diretrizes determinada pelos seus proprietários de acordo com seus interesses econômicos.

necessariamente vinculados às grandes redes de comunicação<sup>29</sup>. A distorção dos fatos, travestida de liberdade de expressão, por vezes fomenta ódio, com discursos dúbios sobre o conservadorismo, racismo, antissemitismo e críticas ao que se supõe ser uma ameaça aos supostos “valores tradicionais”.

Para Marcuse, o conceito de liberdade de expressão não deve ser absoluto e sem consequências. A independência dos Estados Unidos em 1776 e a Revolução Francesa de 1789 proclamaram os direitos universais do homem, como a liberdade religiosa e a liberdade de expressão para se contrapor ao regime “ditatorial” da monarquia. A liberdade religiosa ou laicidade implica que cada um possa ter a religião que quiser ou não ter alguma, e o Estado não pode interferir ou privilegiar uma determinada religião. A liberdade de expressão, incluída a liberdade de imprensa, implica que alguém não pode ser punido ou preso por suas convicções. Entretanto, a liberdade de expressão deveria ter limites tendo em vista o universal. Permitir a livre expressão de antissemitismo, islamofobia, racismo, e outros preconceitos, significaria defender determinados grupos contra outros, significaria possibilitar a volta de regimes totalitários como o nazismo. A ideia, segundo a qual a sociedade por si só impediria o crescimento de ideologias contrárias à democracia e à própria ordem social, é falaciosa. Para que a sociedade de fato impedisse tais ideologias, ela deveria estar plenamente consciente do que é certo e errado, do que é bom e mau, do que é verdadeiro e falso. Marcuse clama, então, por uma “contra-educação”, isto é, uma educação contra tais ideologias e tais preconceitos, que desenvolvesse uma capacidade crítica de pensamento. Uma educação que mostrasse as injustiças históricas e pensasse sobre justiça social.

Tal educação dificilmente existe. Mais ainda: a educação e a cultura são os principais alvos da extrema direita. Para ela, o objetivo da educação é apenas a produção de trabalhadores para o mercado, tornando desnecessárias disciplinas que promovam o pensamento crítico. Assim, o banimento de livros, como na Alemanha nazista, continua a se repetir. Os arautos da livre expressão demandam o banimento e proibição de livros, revistas em quadrinhos, filmes, músicas, séries, peças de teatro e outras obras de arte por

---

<sup>29</sup> Há diversas pesquisas sobre a questão da desinformação por meios digitais, como BRADSHAW, S. & HOWARD, P. *The Global Disinformation Order – 2019 Global Inventory of Organised Social Media Manipulation*, University of Oxford. Disponível em: <https://demtech.oii.ox.ac.uk/wp-content/uploads/sites/12/2019/09/CyberTroop-Report19.pdf>.

não concordarem com seus valores retrógrados<sup>30</sup>. Livre expressão serve apenas para a extrema direita disseminar sua ignorância, mentiras e valores racistas, sexistas, e todo tipo de preconceito, não permitindo o contraditório. E quando confrontados argumentam dizendo ser mal interpretados, que fizeram piadas de mau gosto, ou então partem para a violência. Em todos os casos, os argumentos revelam a estupidez e hipocrisia desses moralistas de direita.

## ESTUPIDEZ

A estupidez possui uma longa história, registrada principalmente na literatura, em que personagens são apresentados como pessoas ingênuas ou ignorantes, geralmente para fins cômicos. Pode-se observar que, a partir do século XX, houve uma clara instrumentalização da estupidez para fins políticos. Partindo do ressentimento, do conhecimento, da desconfiança e falsa percepção da realidade do senso comum, regimes autoritários buscaram manipular as pessoas, inclusive sua estupidez, para criar uma base de massas<sup>31</sup> de apoio, incentivando a proteção à família, o racismo, a xenofobia, e o ódio. Os líderes falam o que seu rebanho quer ouvir, apresentando soluções simples, como o inimigo interno e externo responsável pelos problemas do país. O passado heroico fantasioso, não mais existente, teria sido arruinado por esse inimigo<sup>32</sup>. Com a estupidez, os líderes têm seus fiéis cegos. A utilização da tecnologia dos meios de comunicação, ampliou a doutrinação do totalitarismo, bem como a educação formal nas escolas<sup>33</sup>.

---

<sup>30</sup> Nos Estados Unidos, país que se considera o defensor da liberdade e da democracia, tendo a liberdade de expressão expressa na primeira emenda de sua constituição, possui uma grande lista de livros proibidos, como o livro de Darwin, *A evolução das espécies*, por apresentar uma versão diferente da Bíblia sobre a origem do ser humano. Certo, que isso não é uma decisão nacional, mas reflete a hipocrisia da livre expressão. Recentemente, o estado da Flórida tem proibido aquilo que consideram “ideologia de gênero”, escolas chegaram a proibir o uso de dicionários por conter a palavra “sexo”. Também a imagem de *Davi*, escultura de Michelangelo, foi proibida, por aparecer o órgão masculino. Na Wikipédia, há listas de livros banidos: [https://en.m.wikipedia.org/wiki/Book\\_banning\\_in\\_the\\_United\\_States\\_\(2021%E2%80%93present\)](https://en.m.wikipedia.org/wiki/Book_banning_in_the_United_States_(2021%E2%80%93present)).

<sup>31</sup> Não se está implicando que a base de massas seja composta de pessoas estúpidas em sua totalidade, muitas não são, mas há muitas outras que são.

<sup>32</sup> Marcuse, em *O caráter afirmativo da cultura*, mostra a dissolução da cultura afirmativa no Estado autoritário, que seria incompatível com valores progressistas da cultura. O estado autoritário resgatou um passado imaginado de glórias para estabelecer uma cultura heroica, a qual visava inserir os indivíduos numa falsa comunidade de sangue, solo e raça (Cf. MARCUSE, Herbert. *O caráter afirmativo da cultura*, p. 123 e seguintes. In: MARCUSE, Herbert. **Cultura e sociedade**, vol. 1).

<sup>33</sup> Na Alemanha nacional-socialista, Joseph Goebbels aplicou o método de propaganda de Bernays, utilizando os discursos ao vivo, o rádio, o cinema, além de jornais, panfletos, marchas e cartazes.

A estupidez pode aparecer em líderes e seguidores<sup>34</sup> de modo diversificado. Theodor W. Adorno está certo ao afirmar, em *Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista* (1951), que Goebbels não era um gênio da propaganda. Baseando-se na leitura de Freud, Adorno mostra como o líder é um misto de “King Kong e barbeiro suburbano”<sup>35</sup>. Apesar de mostrar sua superioridade, Hitler era tão medíocre quanto seus seguidores.

De um modo geral, pode-se dizer que a estupidez seria a ausência da razão universal, de uma visão universal da sociedade, da compreensão do outro. Marcuse, Horkheimer, Adorno, entre outros, de modos diferentes, mostraram a perda ou eclipse da razão. Horkheimer, partindo de Max Weber, afirma que a razão objetiva dos grandes sistemas filosóficos, que é fim de si mesma, teria sido substituída pela razão subjetiva, que é meio para outros fins, razão instrumental<sup>36</sup>. Para Marcuse, a razão tecnológica, que visa produtividade, eficiência e lucro, pode conviver com a irracionalidade destrutiva existente<sup>37</sup>. Para Adorno e Horkheimer, em sua *Dialética do esclarecimento* (1947), o fracasso do esclarecimento poderia reverter em obscurecimento, regressão da razão. Eles mostram que Bacon já teria visto o problema da estupidez.

Ele desprezava os adeptos da tradição, que “primeiro acreditam que os outros sabem o que eles não sabem; e depois que eles próprios sabem o que não sabem. Contudo, a credulidade, a aversão à dúvida, a temeridade no responder, o vangloriar-se com o saber, a timidez no contradizer, o agir por interesse, a preguiça nas investigações pessoais, o fetichismo verbal, o deter-se em conhecimentos parciais: isto e coisas semelhantes impediram um casamento feliz do entendimento humano com a natureza das coisas e o acasalaram, em vez disso, a conceitos vãos e experimentos erráticos; o fruto e a posteridade de tão gloriosa união pode-se facilmente imaginar (...)”<sup>38</sup>.

---

<sup>34</sup> Pode haver mais subgrupos, como sublíderes. Também há aqueles que comentam a política sem ser seguidores de qualquer liderança ou posição política.

<sup>35</sup> ADORNO, T. W. *Teoria freudiana e o padrão de propaganda fascista*. In: ADORNO, T. W. **Ensaio sobre psicologia social**. Trad. Verlaine Freitas. São Paulo: Editora Unesp, 2007, p. 153-189.

<sup>36</sup> HORKHEIMER, Max. **Eclipse of Reason**. New York: The Continuum Publishing Company, 2004.

<sup>37</sup> MARCUSE, Herbert. *Algumas implicações sociais da tecnologia moderna*. In: MARCUSE, Herbert. **Tecnologia, guerra e fascismo**. Trad. Maria C. V. Borba. Revisão de Isabel Maria Loureiro. Introdução de Douglas Kellner. São Paulo: Ed. Unesp, 1998.

<sup>38</sup> HORKHEIMER, Max; ADORNO, T. W. **A dialética do esclarecimento**. Trad. Guido de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1991, p. 19.

Assim, ao contrário de Sócrates que reconhecia os limites de seu conhecimento (“Só sei que nada sei”), a pessoa estúpida afirma saber o que desconhece, apelando muitas vezes ao senso comum ou a textos místicos, religiosos, cuja escrita antiga faz parte de um tempo cuja consciência e conhecimento do mundo eram completamente distintas da época atual, para dizer o mínimo. Por exemplo, hoje se retoma à afirmação de que a “Terra é plana”. Tal afirmação baseia-se numa percepção empírica do senso comum, quando já se sabia que a Terra seria “esférica” desde a Antiguidade. A regressão da razão busca revestir-se de aspecto racional, com a utilização de argumentos e falácias para sua justificação. De fato, para Adorno e Horkheimer, o que houve foi a redução da razão à mera operacionalidade, o procedimento eficaz. A razão instrumental ou tecnológica garante o desenvolvimento do progresso concorrente à estupidez.

Löwenthal e Guterman, em *Prophets of Deceit* (1949), discutiram as características do agitador estadunidense, que mistura ressentimento, raiva, e estupidez, como aqueles que criticam o ônibus lotado por causa das pessoas que o usam do que o governo que não oferece melhor condição de transporte urbano. Embora tais análises sobre o problema do eclipse da razão objetiva e da falsificação da consciência sejam importantes e pertinentes para a compreensão do todo, a questão da estupidez não é especificamente elaborada e sua análise perpassa os limites da análise da razão. Muitos podem se orientar pela razão subjetiva sem serem estúpidos. De fato, na medida em que a estupidez tornou-se uma espécie de virtude quando se tem muitos seguidores nas redes sociais<sup>39</sup>, mesmo o conhecimento conversador fica comprometido.

A estupidez não seria propriamente ignorância ou falta de conhecimento ou cultura, mas a incapacidade de pensar criticamente, como fé ou saber ingênuo. Ela se prende ao conhecimento imediato, mesmo que se componha de supostos conhecimentos científicos. A consciência falsa da pessoa estúpida baseia-se na falsificação da história e dos fatos. O conhecimento dessa pessoa é dogmático, e ela não possui argumentos a não ser a violência para impor sua vontade contra quem discorda. Essas pessoas estúpidas são facilmente manipuláveis por líderes autoritários que visam o poder ao mesmo tempo em tentam disfarçar sua política como “democrática”.

---

<sup>39</sup> Exemplo disso seria, durante a pandemia da COVID-19, o espalhamento de notícias falsas sobre as origens do vírus ou de remédios caseiros, curas sagradas ou do uso da cloroquina. Terraplanistas, antivacinas e os contrários ao reconhecimento das mudanças climáticas também seriam exemplos de estupidez, utilizando argumentos falaciosos sem base na realidade.

Assim, para compreender melhor o fenômeno da estupidez recorre-se a seguir a alguns autores que a discutiram. Carlo Cipolla publicou para seus amigos nos anos 1970 o livro *The Basic Laws of Human Stupidity*. Apesar do intento inicial ter sido uma piada para um pequeno público, o livro obteve uma grande audiência muitos anos depois. Para Cipolla, haveria um grupo de pessoas poderosas, “mais do que a Máfia, o complexo industrial militar ou o comunismo internacional”<sup>40</sup>. Embora tal grupo seja desorganizado e desconhecido, ele teria influência dentro da sociedade, na medida em que, cada um busca “fortalecer e amplificar a efetividade da atividade de todos os outros membros”<sup>41</sup>. Esse é o grupo de pessoas estúpidas, sobre o qual Cipolla elabora 5 leis fundamentais.

A primeira lei diz que “sempre e inevitavelmente cada um subestima o número de indivíduos estúpidos em circulação”<sup>42</sup>. Cipolla argumenta que se pode pensar o maior número possível de pessoas estúpidas, mas o número real sempre será maior. A segunda lei afirma que “a probabilidade de uma certa pessoa ser estúpida é independente de quaisquer outras características daquela pessoa”<sup>43</sup>. Nesta parte, ele argumenta que os seres humanos não são iguais, alguns são estúpidos e outros não, e isso se deve à natureza e não à cultura. A terceira lei coloca que “uma pessoa estúpida é a pessoa que causa perdas a outra pessoa ou a um grupo de pessoas, sem obter ganho ou até mesmo possivelmente incorrer em perdas”<sup>44</sup>. Antes de expor tal lei, Cipolla apresenta um gráfico para mostrar possibilidades de transição entre diversos grupos, como pessoas vulneráveis, inteligentes, estúpidas e bandidas<sup>45</sup>. Ao analisar a relação entre poder e estupidez, Cipolla diz que como todos os seres humanos,

também as pessoas estúpidas variam enormemente em sua capacidade de afetar seus companheiros. Algumas pessoas estúpidas normalmente causam apenas perdas limitadas enquanto outras flagrantemente obtêm sucesso em causar danos medonhos e difundidos não só a um ou dois indivíduos, mas a comunidades ou sociedades inteiras<sup>46</sup>.

---

<sup>40</sup> CIPOLLA, Carlo. **The Basic Laws of Human Stupidity**. Bologna: Il Molino, 2011, p. 15 (trad. minha).

<sup>41</sup> *Idem.*, p. 16.

<sup>42</sup> *Idem.*, p. 19.

<sup>43</sup> *Idem.*, p. 24.

<sup>44</sup> *Idem.*, p. 36.

<sup>45</sup> Vulneráveis seriam aqueles que sofrem danos e prejuízos, Inteligentes seriam as pessoas bem-sucedidas, sem causar danos a outrem. Estúpidas são as pessoas que causam danos, sem obter ganhos disso. Bandidos são aqueles que causam danos e prejuízos a outrem, ganhando disso.

<sup>46</sup> CIPOLLA, 2011, p. 47.

Aqui cabe observar uma crítica à teoria de Cipolla. Para argumentar uma equidade na distribuição de pessoas estúpidas em todo o mundo, entre regiões ricas e pobres, entre as diversas raças, entre gêneros, e os mais diversos grupos, isto é, que existem o mesmo número de pessoas estúpidas em todos esses grupos, Cipolla afirma que a estupidez seria de origem natural (biológica e mesmo genética). Tal afirmação seria problemática, pois uma pessoa que fosse estúpida, sempre seria, não haveria “cura” e que pessoas não estúpidas não poderiam se tornar estúpidas. Além disso, essa afirmação geraria a dificuldade de considerar que pessoas podem ser estúpidas em determinados aspectos e não ser em outros. Tal critério biológico, puramente especulativo, resolveria o argumento da equidade e não discriminatório da distribuição da estupidez pelos diversos grupos, mas também causaria problemas. Isso porque Cipolla afirma que o potencial danoso de pessoas estúpidas, que provocam danos a muitos outros, dependeria do “fator genético” e do acesso de tais pessoas ao poder.

Nas sociedades democráticas, as pessoas estúpidas têm mais acesso às diferentes instâncias de poder, podendo causar mais danos.

Classe e casta foram os arranjos sociais que favoreceram o suprimento firme de pessoas estúpidas a posições de poder na maioria das sociedades do mundo pré-industrial. A religião foi outro fator contribuinte. No mundo industrial moderno, classe e casta foram banidas tanto como palavras quanto como conceitos e a religião está desvanecendo. Mas, *in lieu* de classe e casta, temos partidos políticos e burocracia e, *in lieu* da religião, temos democracia. Dentro de um sistema democrático, as eleições gerais são o mais efetivo instrumento para assegurar a manutenção firme da fração  $\sigma$ <sup>47</sup> entre os poderosos. Deve-se ter em mente que de acordo com a segunda lei, a fração  $\sigma$  da população votante são pessoas estúpidas e as eleições oferecem a todos eles de uma vez uma oportunidade magnífica para prejudicar cada um dos outros sem ganhar qualquer coisa de sua ação. Eles fazem assim para contribuir para a manutenção do nível  $\sigma$  entre aqueles no poder<sup>48</sup>.

Para Cipolla, “as pessoas estúpidas são perigosas e danosas porque pessoas racionais acham difícil imaginar e entender o comportamento irracional”<sup>49</sup>. As ações de um bandido seriam compreensíveis por perceber nelas uma lógica, um padrão de racionalidade. O estúpido, ao contrário, não possuiria qualquer padrão.

A quarta lei estabelece que:

---

<sup>47</sup> Isso indica a fração de pessoas estúpidas.

<sup>48</sup> CIPOLLA, 2011, p. 48.

<sup>49</sup> *Idem.*, p. 41.

Pessoas não estúpidas sempre subestimam o poder danoso de indivíduos estúpidos. Em particular, pessoas não estúpidas esquecem constantemente que em todos os tempos e lugares e sob quaisquer circunstâncias para lidar e/ou associar com pessoas estúpidas infalivelmente acabam sendo um erro custoso<sup>50</sup>.

Ao fazer uma consideração geral, Cipolla chega à quinta lei e seu corolário. “Uma pessoa estúpida é o tipo mais perigoso de pessoa” e “uma pessoa estúpida é mais perigosa do que um bandido”<sup>51</sup>. Cipolla utilizou gráficos para mostrar a distribuição entre pessoas vulneráveis, inteligentes, estúpidas e bandidas. A partir disso, é possível verificar a possibilidade de haver bandidos inteligentes e bandidos estúpidos, assim como estúpidos vulneráveis, mas Cipolla não prevê a existência de estúpidos inteligentes (espertas), pois seria um contrassenso. As pessoas estúpidas seriam mais perigosas que bandidos devido ao seu modo errático de pensar e agir, mas também por ser difícil arguir com tais pessoas, que seriam firmes em suas posições não admitindo a contrariedade. Ao agir, irracionalmente, as pessoas estúpidas podem agir agressivamente, mesmo sem motivo aparente.

A contribuição de Cipolla, embora tenha sido inicialmente uma brincadeira e seja uma teoria simplista, sem considerar a desigualdade social, a influência dos meios de comunicação, o problema da educação, principalmente por ter como premissa uma base biológica para estupidez, levanta pontos muitos interessantes e úteis para compreender o fenômeno da estupidez.

Pensando a questão da estupidez dentro de uma sociedade autoritária, com propaganda e desigualdade social, Dietrich Bonhoeffer buscou compreender porque os alemães aderiram ao Estado nazista, aceitando a violência, a disciplina militar social, entre outros aspectos. Ele foi um pastor que morreu na prisão da Alemanha Nazista, preso justamente por suas críticas ao regime. Autor de diversos textos religiosos, ele escreveu na prisão sobre a estupidez para entender porque as pessoas se comportavam com aceitação da agressividade e da imposição autoritária do nazismo que minava sua própria liberdade e o Estado democrático. Para Bonhoeffer, a estupidez não é uma questão biológica, mas moral. O líder precisa de pessoas estúpidas para manipular e convencer de

---

<sup>50</sup> *Idem.*, p. 56.

<sup>51</sup> *Idem.*, p. 57.

que estão agindo segundo seus interesses quando o fazem segundo os interesses do líder.  
Segundo Bonhoeffer,

A estupidez é um inimigo mais poderoso do bem do que a malícia. Pode-se protestar contra o mal; ele pode ser exposto e, se necessário for, ser impedido pelo uso força. O mal sempre carrega dentro de si mesmo o germe de sua própria subversão na medida em que deixa nos seres humanos, pelo menos, uma sensação de desconforto. Contra a estupidez somos indefesos. Nem os protestos nem o uso da força resultam em qualquer coisa aqui; as razões caem sobre ouvidos moucos; os fatos que contradizem o pré julgamento de alguém simplesmente não precisam ser acreditados – em tais momentos mesmo a pessoa estúpida se torna crítica – e quando os fatos são irrefutáveis, eles são postos de lado como inconsequentes, como incidentais. Em tudo isso, a pessoa estúpida, em contraste à maliciosa, fica totalmente satisfeita consigo mesma e, sendo facilmente irritada, torna-se perigosa ao partir para o ataque. Por esse motivo, é necessário ter maior cautela do que com uma pessoa maliciosa. Nunca mais tentaremos persuadir a pessoa estúpida com razões, pois isso é insensato e perigoso<sup>52</sup>.

Para Bonhoeffer, a estupidez não é um defeito intelectual, mas humano. Pode haver seres humanos ágeis intelectualmente e estúpidos, outros intelectualmente rasos, mas não estúpidos. A estupidez, como defeito, não congênita: as pessoas não nascem estúpidas, mas, em certas circunstâncias, elas se tornam. A estupidez tende a se manifestar mais em grupos do que em indivíduos isolados. Ele acredita que a estupidez seja um problema mais sociológico que psicológico.

Após uma observação mais atenta, torna-se evidente que qualquer forte aumento de poder na esfera pública, seja de natureza política ou religiosa, infecta uma grande parte da humanidade com a estupidez. Pareceria mesmo que esta é virtualmente uma lei socio-psicológica. O poder de um precisa da estupidez do outro. O processo em ação aqui não é que capacidades humanas específicas, por exemplo, o intelecto, subitamente atrofiem ou falhem. Em vez disso, parece que sob o impacto esmagador do poder ascendente, os humanos são privados da sua independência interior e, mais ou menos conscientemente, desistem de estabelecer uma posição autônoma face às circunstâncias emergentes. O fato de a pessoa estúpida ser muitas vezes teimosa não deve nos cegar para o fato de que ele não é independente. Ao conversar com ele, sente-se virtualmente que não se trata de uma pessoa, mas de slogans, palavras de ordem e coisas do gênero que se apoderaram dele. Ele está enfeitiçado, cego, maltratado e abusado em seu próprio ser. Tendo se tornado assim uma ferramenta estúpida, a pessoa estúpida também será capaz de qualquer mal e ao mesmo tempo incapaz de ver que é mal. É aqui que se esconde o perigo do abuso diabólico, pois é isso que pode destruir de uma vez por todas os seres humanos<sup>53</sup>.

---

<sup>52</sup> BONHOEFFER. *On Stupidity*. Disponível em [religiousgrounds.wordpress.com/2016/05/11/bonhoeffer-on-stupidity-entire-quote/](https://religiousgrounds.wordpress.com/2016/05/11/bonhoeffer-on-stupidity-entire-quote/). Acessado em 15/12/2022 (trad. minha).

<sup>53</sup> *Idem*.

A análise de Bonhoeffer aproxima-se da análise de Freud sobre o indivíduo inserido no grupo, acrescentando a questão da estupidez. Os indivíduos buscam identificar-se com uma comunidade para serem reconhecidos. Adorno e Horkheimer chamaram esse processo de identificação de “mimesis repressiva”, referindo-se à indústria cultural. Ao se identificarem com o grupo, chegam a anular sua própria individualidade. No grupo, os indivíduos seguem uma autoridade, para eles mesmos serem autoritários com outros. A estupidez individual pode se tornar estupidez coletiva. No grupo, a violência e a agressividade podem se manifestar, principalmente *bullies* contra aqueles que não se enquadram no grupo. O preconceito, nas mais variadas formas, não possui justificativa fática, apenas moral de estupidez. A crença dogmática, irrefletida, levaria a uma cegueira para a totalidade e para o outro diferente, sem empatia.

Ao combinarmos as teorias de Bonhoeffer e Cipolla, autores de épocas distintas, poderíamos pensar que a estupidez não seria algo permanente em todos os indivíduos, podendo alguns indivíduos agir de forma estúpida em alguns momentos e não em outros, enquanto outros indivíduos seriam sempre estúpidos. A questão moral em relação ao líder e aos supostos interesses e benefícios colocaria como indivíduos apoiam certas causas a partir de sua própria particularidade, seja agressivo e frustrado pela não realização de seus interesses. Assim, por exemplo, indivíduos das classes médias defendem o interesse da classe abastada, como se fossem membros desta classe, não obtendo nenhum benefício disso.

Bonhoeffer escreveu sobre a estupidez como um pastor abismado com os horrores do Estado nazista. Cipolla escreveu sobre a estupidez numa brincadeira que buscava retratar a sociedade estadunidense. Ambos escreveram a partir de sua própria experiência. Bernard Stiegler, em *States of Shock – Stupidity and knowledge in the XXIst Century* (2012), parte de uma discussão filosófica e critica a esfera acadêmica pelo modo como trata a estupidez. E afirma que:

As universidades ocidentais estão nas garras de um mal-estar profundo e um número delas encontram-se, através de um algum departamento, consentindo – e algumas vezes consideravelmente compromissadas pela – implementação de um sistema financeiro que, com o estabelecimento de uma sociedade hiper-

consumista, dirigida e aditogênica, leva à ruína econômica e política e escala global<sup>54</sup>.

Para Stiegler, os intelectuais deveriam cumprir as exigências do esclarecimento kantiano e que abandonar essa crítica poderia levar à destruição do capitalismo a partir de si mesmo e por si mesmo, e que a democracia seria destruída não por aqueles que a odeiam, mas por aqueles que abandonaram a crítica. No caso, tal destruição não significaria a substituição por algo melhor, porque a consciência crítica teria sido abandonada. O autor constata como o consumismo exagerado se baseia na liquidação da “maturidade através da generalização sistêmica da minoria e da diluição da responsabilidade, ou em outras palavras, baseia-se no reino da estupidez (*bêtise*) e daquilo que a acompanha, nomeadamente covardia e crueldade”<sup>55</sup>. Stiegler mobiliza filósofos franceses, como Simondon, Derrida e Deleuze além de Horkheimer, Adorno e Marcuse para entender o problema da estupidez ao mesmo tempo em que exige o compromisso dos intelectuais com a mudança da situação.

Por esta razão, no mesmo momento em que estamos descobrindo que algumas das grandes universidades participaram na implementação de um sistema concebido pela “revolução conservadora” – um sistema situado na origem do financiamento e instalação de uma economia de descuido (*économie de l'incurie*) numa escala global, fundada numa extensão econômica da estupidez, que também é de submissão, infantilização e regressão à minoria – também parece que o legado do pensamento do século vinte é simplesmente deixar os seres humanos do século vinte e um totalmente indefesos e desarmados em face de uma situação que parece desesperançada<sup>56</sup>.

O ponto de partida de crítica de Stiegler ao capitalismo cassino baseia-se na crise de fins da primeira década do século XXI, tal como documentada no filme *Inside Job* (2010) de Charles Ferguson. Tal crise ocorreu por meio de falsificações de agências avaliadoras de risco, reinvestimentos de hipotecas, entre outros procedimentos fraudulentos. Essa crise imobiliária caracterizou o capitalismo como cassino devido ao procedimento de apostas com que os financiamentos imobiliários, investimentos e outros, foi feito, ao mesmo tempo em que agências reguladoras encobriram os riscos envolvidos. Quando toda essa farsa veio à tona, aqueles que estiveram à frente do processo,

---

<sup>54</sup> STIEGLER, Bernard. **States of Shock – Stupidity and Knowledge in the Twenty-First Century**. Trad. Daniel Ross. Cambridge: Polity Press, 2015, p. 2 (trad. minha).

<sup>55</sup> *Idem.*, p. 3.

<sup>56</sup> *Idem.*, p. 3-4.

executivos, banqueiros, políticos, não foram punidos, ao contrário, muitos se beneficiaram como Alan Greenspan que se tornou presidente do Sistema de Reserva Federal dos EUA, enquanto os possuidores de contratos imobiliários viram suas dívidas aumentarem vertiginosamente e muitos perderam suas casas. No filme, *The Big Short (A grande aposta, 2015)* de Adam McKay, que conta de forma dramatizada essa crise, há muitas cenas em que se questiona como os capitalistas envolvidos nas negociações poderiam ser tão estúpidos. Essa crise gerou protestos, como o movimento *Occupy Wall Street*, mas teve consequências que ainda ressoam atualmente, na medida em que alimentou a extrema direita nos EUA. Assim, como a crise econômica da década de 1920 favoreceu o avanço do nazismo, essa crise favoreceu a ascensão de Donald Trump ao poder em 2016, que culpou os imigrantes e a globalização pela crise econômica. Desse modo, corruptos e *rackets* alcançaram o poder, aumentando a exploração sem escrúpulos.

Em sua análise farmacológica (Derrida), Stiegler busca afirmar a responsabilidade da universidade, seguindo a crítica de Adorno e Horkheimer sobre o papel do esclarecimento relacionando-os ao pensamento francês, considerando que “a razão-em-potencial, sempre acompanhada por sua sombra, a não-razão-em-potencial, pode e deve tornar-se razão-em-ato, isto é, deve lutar com esta sombra contra a passagem para o ato da estupidez ou loucura”<sup>57</sup>. Mais adiante, ele afirma que esta sombra “é aquela do *pharmakon*, e dos efeitos que possui sobre a alma noética (ciência e não-ciência, luz e sombra) tal que a consciência clara e esclarecida pode somente surgir de um sempre inconsciente obscuro, de uma só vez sombra e fogo”<sup>58</sup>. Assim, sobre a estupidez ele pensa que ao mesmo tempo:

*daquelas coisas estúpidas que Epimeteu faz, suas ações, e primeiramente daquele ato que seria o padrão original da origem dos seres farmacológicos que somos, constituindo um fundo pré-individual sobre a base que Deleuze tentou pensar a estupidez, e que Derrida viu um fundamento sem fundo (fond sans fond, ‘un Urgrund et un Unrgund), daquela ‘grande estupidez’ (grosse Dummheit) que Heidegger confessou, para descrever sua cegueira em face da regressão através da qual a auto-destruição – referida tanto por Polanyi quanto por Adorno e Horkheimer – da Alemanha estava então ocorrendo*<sup>59</sup>.

---

<sup>57</sup> *Idem.*, p. 29.

<sup>58</sup> *Idem.*, p. 30.

<sup>59</sup> *Idem.*

Heidegger seria o exemplo de intelectual cuja estupidez aparece quando a crítica falha ou é distorcida. As recentes publicações dos *Cadernos negros* de Heidegger revelam seu caráter antissemita e mesmo, talvez, nazista, inclusive após a Segunda Guerra. Autores como Victor Farias, Emmanuel Faye e Richard Wolin, entre outros, buscaram discutir este aspecto perturbador de Heidegger, sua relação com o nazismo. Isso foi objeto de crítica de Marcuse, quando Heidegger assumiu como reitor da Universidade de Freiburg. Após a guerra, trocaram cartas, nas quais Heidegger afirma que não era contra os judeus, pois teve vários alunos judeus (Hans Jonas, Hannah Arendt, Marcuse), mas contra os comunistas, por isso apoiou o nazismo. Tal raciocínio não convenceu Marcuse. Este aspecto sombrio do autor da *Carta Sobre o "Humanismo"* questionaria a relação entre a obra e o autor, quem defende filosoficamente o humanismo e apoia movimentos fascistas.

Avital Ronell, em *Stupidity*, também considera que a estupidez não é oposta ao conhecimento. Ele afirma: “Todos sabemos que nesta conjuntura é que a estupidez não se permite ser oposta ao conhecimento de qualquer jeito, nem é o outro do pensamento. (...) melhor, ela consiste na ausência de uma relação ao saber”<sup>60</sup>. Ronell aproxima-se em vários pontos de Stiegler, Cipolla e Bonhoeffer, percorrendo a literatura e a filosofia para compreender a estupidez. Para ele, “a estupidez é um engajamento, uma condição de guerra para a qual aqueles que não são estúpidos fecham os olhos: eles fracassam em ver a devastação forjada pelos pilotos cegos da revolução estúpida, uma revolução permanente”<sup>61</sup>.

Se os não estúpidos fecham os olhos, os estúpidos não veem a si mesmos. Muitos estúpidos se acreditam ser mais inteligentes e espertos do que os demais, mesmo quando é evidente sua ignorância<sup>62</sup>. As teorias de conspiração, as notícias falsas, os fatos alternativos, fazem parte do conhecimento alternativo das pessoas estúpidas. Assim, é discutível se a estupidez seria o reverso do esclarecimento. Segundo Ronell,

A estupidez, que não pode ser examinada à parte do sujeito credenciado pelo esclarecimento, representa um desafio à minha soberania e autonomia. Onde a

---

<sup>60</sup> RONELL, Avital. **Stupidity**. Urbana e Chicago: Editora da Universidade de Illinois, 2002, p. 5 (trad. minha).

<sup>61</sup> *Idem.*, p. 16.

<sup>62</sup> Diversas declarações de Donald Trump, enquanto presidente dos EUA, mostram isso. Ele mesmo frisava ser um “gênio estável”, que alguns comediantes fizeram o trocadilho “*stable genius*” entendendo como “gênio do estábulo”. Durante a pandemia da COVID-19, consideravam-se mais espertos por tomar remédios e ter medidas ineficazes do que tomar a vacina.

política cruza com a ética, a questão emerge onde desenhar a linha, se há uma, de responsabilidade. Para ser o que é, a responsabilidade deve ser sempre excessiva, além das fronteiras, vista como estritamente incompleta. Você nunca é responsável suficiente, e não é claro se, como Heidegger, (...) é suficiente dizer “Eu fiz um erro estúpido”, de modo a adjudicar um lapso de pensamento responsável. Para explorar o limite de tal responsabilidade, apelei ao sujeito debilitado – o estúpido, idiota, pueril, a destruição lenta (*slow-burn*) do ser ético que, para minha mente, pode ser fundado em certeza ou educação ou lucidez ou reverência prescritiva<sup>63</sup>.

Assim, não basta reconhecer o erro, culpar o estresse ou outra situação, quando se faz algum comentário estúpido, ou mesmo quando se diz “foi uma piada infeliz”. Isso não anula a estupidez enraizada na visão de mundo de quem persiste em atitudes preconceituosas. Muitas vezes a realidade presente e histórica é alterada ou distorcida para acomodar-se melhor à visão das pessoas estúpidas. O esclarecimento pretendia o conhecimento crítico do universal, a estupidez suprime tanto o universal quanto o caráter crítico. A filosofia parece ter dado pouca atenção ao problema da estupidez, que, mais do que uma questão teórica, é um problema e perigo para a própria ordem social. Segundo Ronell,

A estupidez, Deleuze escreve, necessita ser procurada em outro lugar, entre outras figuras que não aquelas subsumidas pelo erro. De certo modo, alguns filósofos não cessaram de marcar a necessidade de um tal empreendimento, a filosofia tem perguntado por aí sobre a estupidez; pelo menos, uma necessidade foi expressa para enriquecer o conceito de erro por determinações de um tipo diferente. A noção de superstição, importante para Lucrecio, Spinoza, e, no século XVIII, por Fontenelle, entre outros, empurrou o envelope além do que foi estabelecido pelo pensamento dogmático como uma divisão legítima entre o empírico e o transcendental. Os estoicos foram responsáveis pela introdução da noção de *stultia* para designar simultaneamente loucura e estupidez. Mesmo a ideia kantiana de ilusão interna – interna à razão – parte radicalmente do mecanismo extrínseco do erro. Mais ainda, Deleuze relembra, há a questão da alienação hegeliana, que pressupõe um profundo reajustamento na relação de verdade e falsidade. Nem verdadeiro nem falso, e vinculado a um contrato totalmente outro, a estupidez não tem lugar no mapa desenhado pelo dogmatismo – um mapa ainda usado para levar os filósofos onde estão indo, não importa de onde vieram<sup>64</sup>.

Para Ronell, a estupidez estaria além da verdade e da falsidade, não podendo ser reduzida ao conceito de erro, que “não pode explicar a unidade de estupidez e crueldade ou pela relação do tirano ao imbecil”<sup>65</sup>. O problema, porém, teria sido a expectativa da

---

<sup>63</sup> RONELL, 2002, p. 19.

<sup>64</sup> *Idem.*, p. 20.

<sup>65</sup> *Idem.*

filosofia de treinar o pensamento separado da estupidez por meio do esclarecimento. O progresso do conhecimento, expresso pela tecnologia, não retirou os homens de sua minoridade como pensou Kant. A miséria da desigualdade econômica, a injustiça social contra grupos sociais, guerras, destruição ambiental, são alguns exemplos do fracasso do esclarecimento.

## RESISTÊNCIA E NOVA SENSIBILIDADE

A estupidez parece ser um instrumento útil para criar um rebanho de apoio a líderes autoritários que desejam o poder. A propaganda autoritária atinge mais facilmente as pessoas estúpidas que acreditam obter supostos benefícios, mas nem todos que aderem ao autoritarismo são necessariamente estúpidos. Entretanto, hoje os líderes, ou prepostos, também parecem tão estúpidos quanto seus seguidores, talvez por uma questão de identificação ou por serem assim mesmo. A estupidez pode fornecer material para o cômico, mas sua relação com a política, principalmente com a disseminação pelos meios de comunicação, pode ser trágica para todos.

Mesmo quando a própria vida parece estar em jogo, a estupidez das pessoas e do próprio modo de produção e as instituições públicas e privadas ignoram o perigo imediato ou não. A mudança climática causada, principalmente, pelo uso de combustíveis fósseis, desmatamento, poderia levar à destruição das condições de vida no planeta num futuro que já chegou<sup>66</sup>. Esse problema catastrófico só será resolvido, na visão dos escroques, quando se descobrir como ganhar dinheiro com isso. Enquanto os mais ricos ficam cada vez mais ricos, segundo dados da Oxfam<sup>67</sup>, há ainda uma multidão de pobres e de renda média que apoiam ou suportam aqueles que estão no poder com políticas de rapina.

A sociedade opressiva, longe de realizar o ideal do esclarecimento, continua a encurtar “o atalho para a morte”, nas palavras de Marcuse, com guerras, destruição do meio ambiente, a falta de serviços de saúde para todos, o fomento controlado da violência interna, entre outros. A democracia autoritária contém traços do fascismo, mesmo antes da existência formal desse, com o racismo estrutural e cultural, o patriarcado que oprime

---

<sup>66</sup> O documentário *The Age of Stupid (A era da estupidez, 2009)*, de Franny Armstrong, mostra um arquivista em 2055 assistindo relatos de 2008 sobre os ecológicos da Terra e a ação (e falta de ação) humana que resultaram na quase falta de condições de vida em 2055.

<sup>67</sup> Disponível em [oxfam.org.br](http://oxfam.org.br).

as mulheres, a segregação social, econômica, racial e religiosa, xenofobia e LGBTQIAP+-fobia. O conservadorismo moral é mera fachada, assim como o Estado apenas possui um verniz democrático. O interesse dos líderes preconceituosos (*bigots*) não é a defesa da moral conservadora que incentiva para excluir o outro, mas a obtenção de maior poder e dinheiro. Poder para fazer o que quer sem retaliações ou perseguições jurídicas.

Assim, Adorno buscou atualizar a discussão sobre o fascismo em *Aspectos do novo radicalismo de direita*. Marcuse atualizou sua preocupação com a contrarrevolução em seus últimos escritos, como *Contrarrevolução e revolta* (1972) e as *Conferências de Paris* (1974). A organização autoritária do Estado democrático ocorre devido à oportunidade de escroques, usurpadores, que percebem o medo de parcela da população de grupos que reivindicam reconhecimento e direitos, como negros, mulheres, LGBTQIAP+s, imigrantes, entre outros. Tal parcela se sente ameaçada em seu modo de vida, em seus direitos e supostos benefícios, o que causaria ressentimento. Assim como o nazismo focou nos judeus, homossexuais e comunistas toda a culpa pelos males sociais, a extrema direita atual faz o mesmo atualmente. Mas as questões não são de fácil resposta ou análise. A tensão histórica desde a fundação do Estado de Israel torna difícil um alinhamento incondicional com o governo de Israel, mesmo quando esse faz atrocidades contra os palestinos. Criticar o governo de Israel soa como antissemitismo e alguns lembram do nazismo, mas a desproporcionalidade contra os palestinos não deveria ser algo passível de crítica e protesto? Defender a autonomia da Ucrânia como país seria o mesmo que defender a OTAN e os EUA contra a Rússia? À complexidade das questões respondem com simplismos. As pessoas, em geral, estão preocupadas com sua própria sobrevivência e não atentam para questões globais. O mesmo vale para a defesa da democracia. Seguidores de Bolsonaro manifestavam-se a favor dele com faixas mal escritas em inglês e outras em português em que demonstravam sua estupidez: “Pela democracia, intervenção militar já”.

Após o 8 de janeiro de 2023, as instituições brasileiras capitaneadas pelo Supremo Tribunal Federal buscaram punir os “terroristas” e golpistas que atentaram contra a “democracia” e destruíram o patrimônio público. Apesar de narrativas alternativas, *fan fiction* dos bolsonaristas, o governo de Luiz Inácio Lula da Silva e demais instituições buscam insistir na democracia como valor. E Lula avança sobre qual democracia: “Não

haverá democracia plena enquanto persistirem as desigualdades – seja de renda, raça, gênero, orientação sexual, acesso à saúde, educação e demais serviços públicos”<sup>68</sup>. Lula reconhece os limites da democracia existente, o que é diferente do governo de Joe Biden dos EUA que busca defender o passado histórico supostamente democrático.

Em qualquer caso, os limites da democracia existente, onde for, deveria avançar para proteção e inclusão dos vulneráveis, aumentar a consciência crítica da humanidade contra a desigualdade e a injustiça sociais, contra a ansiedade e depressão dos indivíduos, contra as falsidades disseminadas por meios tecnológicos de comunicação, contra as soluções fáceis para questões complexas. Essa consciência social se revela na luta pelo reconhecimento de direitos da comunidade LGBTQIAP+, dos negros, das mulheres, de refugiados e imigrantes, entre outros, representa o desenvolvimento gradual de uma nova sensibilidade. A demonstração de solidariedade em eventos como guerras, atentados, mortes injustas, catástrofes naturais, contra a violência generalizada interna e externa, também faz parte dessa nova sensibilidade, assim como a luta pela defesa do meio ambiente natural. Entretanto não se trata de um processo linear nem homogêneo, sendo às vezes confuso e ainda minoritário. Essa nova sensibilidade produz uma resistência contra o avanço autoritário que visa reverter direitos e conquistas para um futuro melhor. Embora essa resistência seja pequena e, por vezes, não muito organizada, talvez como uma pequena recusa, ela demonstra os anseios pela pacificação da existência, pela justiça social e por um meio ambiente saudável. Isso pode aparecer em pequenas atitudes, em protestos e revoltas. Assim, resta uma esperança para derrotar a estupidez e o autoritarismo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. **Aspects of the New Right-Wing Extremism**. Trad. Wieland Hoban. Cambridge, UK, Polity Press, 2020.

\_\_\_\_\_. *Teoria freudiana e o padrão de propaganda fascista*. In: ADORNO, T. W. **Ensaio sobre psicologia social**. Trad. Verlaine Freitas. São Paulo: Editora Unesp, 2007.

BERNAYS, Edward. **Propaganda**. Nova York: Liveright, 1928.

---

<sup>68</sup> SILVA, L. Discurso no ato “Democracia Inabalada” no Congresso Nacional, em 8 de janeiro de 2024. Disponível em <https://pt.org.br/leia-a-integra-do-discurso-de-lula-no-ato-democracia-inabalada-no-congresso/>; acessado em 10/2/2024.

BONHOEFFER, Dietrich. **On Stupidity**. Disponível em: <https://religiousgrounds.wordpress.com/2016/05/11/bonhoeffer-on-stupidity-entire-quote/>; acessado em 15/12/2022.

BRADSHAW, S. & HOWARD, P. *The Global Disinformation Order – 2019 Global Inventory of Organised Social Media Manipulation*. University of Oxford. Disponível em <https://demtech.oii.ox.ac.uk/wp-content/uploads/sites/12/2019/09/CyberTroop-Report19.pdf>.

CHOMSKY, Noam; HERMAN, Edward S. **Manipulating Consent: The Political Economy of Mass Media**. Nova York: Pantheon Books, 2001.

CIPOLLA, Carlo. **The Basic Laws of Human Stupidity**. Bologna: Il Molino, 2011.

DUBIEL, H. *Demokratie und Kapitalismus bei Herbert Marcuse*. In: **Institut für Sozialforschung (ed.). Kritik und Utopie im Werke von Herbert Marcuse**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1992, p. 61-73.

FINLEY, Moses. **A democracia antiga e moderna**. Trad. Waldéa Barcellos e Sandra Bedran. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

FROMM, Erich. **The Fear of Freedom**. Londres, Nova York: Routledge & Kegan Paul, 2001.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, T. W. **A dialética do esclarecimento**. Trad. Guido Antonio de Almeida. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

HORKHEIMER, Max. **Eclipse of Reason**. New York: The Continuum Publishing Company, 2004.

\_\_\_\_\_. **Teoría Crítica**. Trad. Edgardo Albizu e Carlos Luiz. Madri e Buenos Aires: Amorrortu, 2003.

\_\_\_\_\_. *The Sociology of Class Relations*. In: **Max Horkheimer and the Sociology of Class Relations**. Disponível em <http://nonsite.org/the-tank/max-horkheimer-and-the-sociology-of-class-relations>, acessado em 15/02/2022.

JANSEN, Peter-Erwin; REITZ, Charles. **Herbert Marcuse's 1974 Paris Lectures at Vicennes University. Global Capitalism and Radical Opposition**. Introduction by Sarah Surak and afterwords by Douglas Kellner. Maryland: Salisbury University, 2015.

LÖWENTHAL, Leo; GUTERMAN, Norbert. **Prophets of Deceit – A Study of the Techniques of the American Agitator**. Nova York: Harper & Brothers, 1949.

MALEY, T. (ed.). **One-dimensional Man 50 Years on: The Struggle continues**. Winnipeg: Fernwood Publishing, 2017.

MARCUSE, Herbert. **Counterrevolution and Revolt**. Boston: Beacon Press, 1972.

\_\_\_\_\_. **Cultura e Sociedade**. Wolfgang Leo Maar (Org.). Trad. Wolfgang Leo Maar, Isabel Maria Loureiro e Robespierre de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1998, v.1 e 2.

\_\_\_\_\_. **Eros and Civilization**. Boston: Beacon Press, 1955.

\_\_\_\_\_. **O homem unidimensional: estudos sobre a ideologia da sociedade industrial avançada**. Trad. Robespierre de Oliveira, Rafael Cordeiro Silva, Deborah Antunes. São Paulo: Edipro, 2015.

\_\_\_\_\_. *Prólogo a Marx, K*. In: **O 18 de brumário**. Trad. Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011.

\_\_\_\_\_. **Tecnologia, guerra e fascismo**. Trad. Maria C. V. Borba. Revisão de Isabel Maria Loureiro. Introdução de Douglas Kellner. São Paulo: Ed. Unesp, 1998.

\_\_\_\_\_. **Towards a Critical Theory of Society. Collected Papers of Herbert Marcuse, vol. 2**. Douglas Kellner (ed.). Londres, Nova York: Routledge, 2001.

MARX, Karl. *Discurso no Aniversário de 'The People's Paper'* (1856). Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1856/04/14.htm>; acessado em 15/12/2022.

REICH, Wilhelm. **Psicologia de massas do fascismo**. Trad. Maria da Graça M. Machado. São Paulo: Martins Fontes, 1972.

RONELL, Avital. **Stupidity**. Urbana e Chicago: Editora da Universidade de Illinois, 2002.

SCHMIDT, James. *'Rackets,' 'Monopoly', and the Dialectic of Enlightenment*. In: **Max Horkheimer and the Sociology of Class Relations**. Disponível em <http://nonsite.org/the-tank/max-horkheimer-and-the-sociology-of-class-relations>; acessado em 15/02/2022.

STIEGLER, Bernard. **States of Shock – Stupidity and Knowledge in the Twenty-First Century**. Trad. Daniel Ross. Cambridge: Polity Press, 2015.

WOLIN, Sheldon. **Politics and Vision. Continuity and Innovation in Western Political Thought**. Princeton, Oxford: Princeton University Press, 1960.